



COMEMORAÇÕES DOS 150 ANOS DO NASCIMENTO
JORGE REY COLAÇO

**MEMÓRIAS DA CONFERÊNCIA
JORGE COLAÇO**

Conhecer, divulgar e preservar

26 fevereiro 2018
Museu de Cerâmica de Sacavém

Sumário

Nota de abertura

Vice-Presidente Câmara Municipal de Loures

Jorge Colaço e os azulejos artísticos na Fábrica de Loiça de Sacavém

Conceição Seródio, Carlos Pereira, Carlos Luís, Câmara Municipal de Loures

Jorge Colaço - O pintor da Sacavém

Cláudia Emanuel, Universidade Católica do Porto

Entre a Tradição e a Modernidade: a narrativa histórica na obra de Jorge Colaço

Maria Alexandra Gago da Câmara, Universidade Aberta
Teresa Verão, Universidade de Évora

A Estação de Porto-São Bento e a obra de Jorge Colaço

Ana Sousa, CP Comboios de Portugal E.P.E.
Paula Azevedo, IP Infraestruturas de Portugal
Pedro Almeida, IP Infraestruturas de Portugal

Azulejos Artísticos de Jorge Colaço nas estações ferroviárias portuguesas

Tiago Borges Lourenço, Universidade Nova de Lisboa

Azulejaria de Jorge Colaço nas Unidades Militares em Portugal: Arte e Tradição

Augusto Moutinho Borges, Comissão Portuguesa de História Militar

Estudo microscópico dalgumas técnicas usadas por Jorge Colaço

João Manuel Mimoso, Laboratório Nacional de Engenharia Civil

O Museu Nacional do Azulejo como polo de estudo da obra de Jorge Colaço

Silvia Santa-Rita, Museu Nacional do Azulejo

Autorias. A biografia de Jorge Colaço no Az Infinitum

Rosário Salema de Carvalho, Az - Rede de Investigação em Azulejo, Universidade de Lisboa

Notas biográficas



Memórias **da conferência Jorge Colaço** **Conhecer, divulgar e preservar**

A Câmara Municipal de Loures assume como prioridade a valorização do Património Cultural, nas suas componentes artística e industrial.

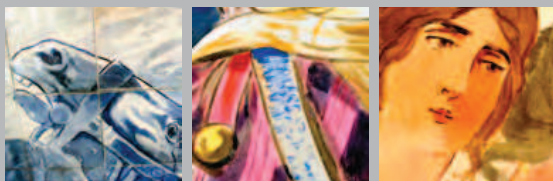
Com a *Conferência Jorge Colaço. Conhecer, divulgar e preservar*, que teve lugar no Museu de Cerâmica de Sacavém, no ano e no dia do 150.º aniversário do seu nascimento, homenageamos o Homem, o Artista e a Obra, pondo em evidência um legado que também assumimos como património do concelho.

A realização da Conferência no Museu de Cerâmica de Sacavém, espaço que constitui um repositório das memórias materiais e imateriais da Fábrica de Loiça de Sacavém, simbolizou de alguma forma o regresso de Jorge Colaço ao lugar que lhe proporcionou as condições e os meios técnicos para criar os painéis de azulejos artísticos, ainda hoje reconhecidos e apreciados nos edifícios para os quais foram encomendados.

Ao editarmos as memórias da Conferência, fixamos um legado de investigação atual, para a bibliografia deste artista maior da azulejaria portuguesa.

O vice-presidente

Paulo Piteira



Memórias da conferência Jorge Colaço

**Jorge Colaço e os azulejos artísticos na
Fábrica de Loiça de Sacavém 1904 – 1923**

**Conceição Serôdio, Carlos Pereira, Carlos Luís –
Câmara Municipal de Loures**

A Câmara Municipal de Loures através do Museu de Cerâmica de Sacavém promove e associa-se às **Comemorações dos 150 anos do nascimento de Jorge Colaço**, com a organização de uma conferência, a apresentação de uma mostra documental, um diaporama, e duas palestras noutros museus, principalmente a partir de uma seleção de correspondência do Arquivo Empresarial Fábrica de Loiça de Sacavém existente no acervo do Museu, que informa a presença de Jorge Colaço na Fábrica de Loiça de Sacavém no primeiro quartel do século XX e, que agora, também se fixa neste texto.



**Retrato de Jorge Colaço, 1905
Cedência de imagem da Família Colaço**

Mestre Jorge Colaço nasce em Tânger, Marrocos, em 1868 e morre no Alto do Lagoal, Caxias, em 1942. Estuda em Madrid, e, em Paris com Fernand Cormon, onde se relaciona com os grandes artistas da época e assimila também a nova corrente estética Arte Nova. Jorge Colaço utiliza o desenho como recurso artístico, na caricatura, na pintura e, no azulejo. O seu método consistia na pintura sobre o vidrado incolor já cozido, que depois era submetida a uma segunda cozedura, permitindo obter, consoante o pretendido, efeitos aguarelados, ou resultados semelhantes aos da pintura a óleo. O seu trabalho

integra o ressurgimento da consciência histórica na arte e, o sucesso deste trabalho artístico na pintura de temas históricos, literários e etnográficos, é referência do renascimento desta tradição em Portugal e, ainda hoje, apreciado em edifícios públicos e privados – Estação Ferroviária de São Bento no Porto, Palácio Hotel do Bussaco no Buçaco, em Lisboa Casa do Alentejo, Pavilhão Carlos Lopes e Faculdade de Ciências Médicas, Palácio de Rio Frio em Pinhal Novo, Palácio de Sant'Ana em Ponta Delgada.

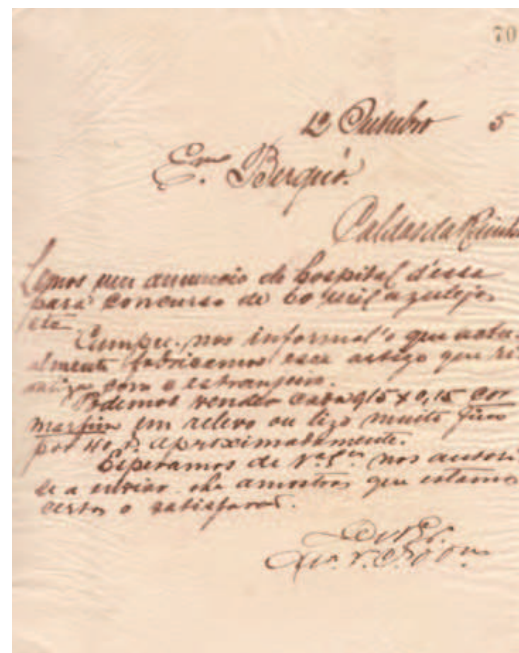
As grandes composições de pintura em azulejo de Jorge Colaço, produzidas na Fábrica de Loiça de Sacavém, entre 1904 e 1923, ainda hoje são expoentes máximos desta arte em Portugal.

Entre 1924 e 1942 prossegue a sua arte azulejar na Fábrica Lusitânia em Lisboa.

Para se documentar a presença de Jorge Colaço na Fábrica de Loiça de Sacavém e de alguns dos trabalhos que aí realizou, para além de uma seleção da correspondência existente nos Copiadores de Correspondência Expedida, recorreremos também a alguns artigos publicados na revista *Ilustração Portuguesa*.

Podemos situar o início da sua ligação à Fábrica durante a gestão de James Gilman, período assinalado com a realização de novos investimentos para se diversificarem os produtos cerâmicos já existentes – loiça de mesa e decorativa, loiça de higiene e sanitária – e um novo produto – azulejos de revestimento. Mas, antes de se acompanhar a sua presença em Sacavém, é importante uma prévia contextualização, com documentação da Fábrica, sobre o início dessa nova produção cerâmica.

Com efeito, encontramos a primeira referência numa carta datada de 12 de outubro de 1895, que respondia a um anúncio para fornecimento de azulejos para o Hospital Termal das Caldas da Rainha. A Fábrica informa Rodrigo Berquó (administrador do hospital), que actualmente já fabrica esse artigo e que o mesmo rivaliza com o (do) estrangeiro.



Carta de 12 de outubro de 1895

Seguem-se uma série de registos na correspondência expedida, nos quais é evidente o sucesso comercial do azulejo, como por exemplo, numa carta de 11 de junho de 1896, que informava o preço dos azulejos (40 réis) e referia que “Os azulejos ingleses custam aqui 120 réis e não são superiores aos nossos, nós vendemos exactamente pelo preço que se compram no estrangeiro”. Numa outra carta, de 31 de maio de 1897, constava a obtenção de uma licença para edificar novos fornos para azulejos e, em 10 de janeiro de 1901, verifica-se que a Fábrica já tinha capacidade produtiva para responder a uma encomenda, com destino a Coimbra, de dez mil azulejos e respetivas cercaduras. Avançando até 1906, uma carta de 25 de junho, referia que se pintavam azulejos a partir de desenhos, no caso para uma padaria, a partir de 30.000 reis, porque pintados pelo mestre da oficina de pintura.

E, em 8 de outubro de 1908, foram listados vários padrões de azulejos com os respetivos preços, comercializados pela Fábrica, em carta enviada para o Diretor das Obras Públicas de Mormugão – Goa, Índia.



Memórias da conferência Jorge Colaço

*Entre a tradição e a modernidade:
a narrativa histórica na obra de Jorge Colaço (1868-1942)*

M^{te} Alexandra Trindade Gago da Câmara
UAb | CHAIA-UE

Teresa Canhoto Verão
CHAIA-UE

Começamos por agradecer o convite para a participação neste encontro - a comemoração dos 150 anos do nascimento do pintor Jorge Rey Colaço e felicitar a Câmara Municipal de Loures bem como o Museu de Cerâmica de Sacavém na organização desta iniciativa procurando, - a par dos diferentes projetos expositivos pensados e em curso ao longo deste ano - reunir um conjunto de intervenções que procuram apresentar as diferentes valências e dimensões da obra azulejar deste pintor, como sabemos uma personagem marcante e muito esclarecedora na conjuntura artística das primeiras décadas do século XX.

A investigação sobre a azulejaria do século XX no âmbito da historiografia das artes decorativas tem nos últimos anos procurado recuperar, visitar e reinterpretar a obra azulejar de Jorge Colaço, com novas leituras e especificamente alargando o inventário da sua obra, e assim dando a conhecer com profundidade este espólio artístico espalhado em Portugal continental e insular¹

Temos como propósito apresentar de forma sucinta a ideia de narrativa história que Jorge Colaço expõe, celebra e recria em grandiosos e cenográficos conjuntos azulejares no âmbito de uma azulejaria romântica, revivalista e nacionalista, partindo de três aspetos que nos pareceram fundamentais:

- Contexto artístico e percurso biográfico do pintor; o gosto, ideia e conceito de narrativa História em Colaço e, a apresentação de quatro exemplos que selecionados, tendo em conta a encomenda, e os aspetos formais e iconográficos.

Usando o azulejo como um suporte privilegiado da pintura, Jorge Colaço utilizou princípios e qualidades artísticas que refletiram os valores da época em que viveu e, sobretudo as bases artísticas e plásticas das escolas que frequentou e aprendeu.

Desde o final do século XIX até cerca aos anos 40 do século XX, desenvolveu-se, como sabemos, na arte portuguesa em geral e nas artes decorativas e azulejaria muito em particular uma importante corrente de produções e composições figurativas bastante relacionada ainda com uma fase romântica refletindo um cunho historicista de grande pendor nacionalista e identitário ao serviço de destinatários mais conservadores que desconfiavam das inovações artísticas da 1ª metade do século XX.

A produção artística oscilava entre um gosto "serôdio" de inspiração joanina e rococó e uma prática inovadora onde se faz despontar tentativas e sinais de um poder criativo, pois no princípio do século, alguns autores trouxeram para o azulejo atualizações estéticas resultado de uma aproximação com a modernidade internacional.

Jorge Colaço representa a primeira corrente, servindo um gosto áulico, e fazendo reviver estilos mais antigos, recuperando e citando os períodos áureos do azulejo em Portugal e constituído como modelo preferido por muitos autores e fábricas da época. Definiu deste modo o seu percurso artístico pela criação de grandes revestimentos de carácter revivalista assumindo um papel determinante na renovação azulejar das primeiras décadas do século XX.²

Filho do 1º barão de Colaço, vice - cônsul de Portugal em Marrocos nasceu em Tânger em 1868 e cresce na Legião Portuguesa contactando deste muito jovem com a memória da presença militar dos portugueses no Norte de África, e com as fortificações e a Batalha de Alcaçer Quibir. Destaca-se como exímio desenhador, tendo sido proprietário e diretor artístico da revista *O Thalassa* (1913-1916) e colaborou no periódico *Branco e Negro* existente entre 1896 e 1898 e também ainda na revista

² A sua primeira experiência em pintura de azulejo situa-se em 1903 e a sua dedicação à azulejaria apresenta- a no texto que redige na *Revista e Cerâmica* e edificação revelando um natural interesse e paixão por assuntos do seu país.) Veja-se Jorge. COLAÇO "A arte da decoração em azulejo. Porque me decidi pintar como pinto", in *Cerâmica e Edificação*, Ano 1, n.º1, Lisboa: Armando Cotrim Garcez, 1933, pp.7-8

¹ Veja-se a investigação em curso de Cláudia Emanuel Franco dos SANTOS sobre o pintor.

Ilustração portuguesa iniciada em 1903. Foi fundador da Sociedade Nacional de Belas Artes, da qual viria a ser presidente em 1906, 1909, 1910, 1911 e 1919. Entre 1896 e 1905 tem Atelier na Rua das Taipas no que ficou conhecido por Villa Martel e Atelier na Rua D. Pedro V. Entre 1924 e 1942 trabalha na Fábrica Cerâmica Lusitânia

Após ter realizado os estudos preparatórios na Escola Académica de Lisboa, a sua formação é realizada em Madrid, onde prossegue os estudos artísticos e aproxima-se dos grandes mestres. Foi discípulo de José de Larrocha (1850-1933), González (1850-1933) e Alejandro Ferrant (1843-1907), e em Paris segue o mestre Ferdinand Cormon (,) mestre de muitos bolseiros portugueses da segunda geração naturalista portuguesa como o pintor Veloso Salgado entre outros.

Esta formação permite-lhe tomar contacto com a pintura a óleo, com os grandes temas da Pintura de História, e com as largas e pormenorizadas realizações figurativas. Absorve a visão épica e teatralizada dos conjuntos pictóricos, reforçando o seu entendimento sobre a temática historicista em voga no final do século XIX.

Explora temáticas sobre os momentos gloriosos das Nações e do respetivos atos heroicos, o que pressupunha a apropriação de elementos do passado para a construção de uma identidade. Em 1896, Colaço regressa a Portugal e fixa residência em Lisboa.

A sua obra cerâmica teve pois uma vincada influência desta aprendizagem fazendo permanecer em pleno século XX, um gosto assumidamente historicista, de conceção tardo-romântica que visava celebrar figuras e episódios relativos à identidade pátria como iremos referir.

II. Gosto, ideia e conceito de narrativa história em Jorge Colaço

Os azulejos históricos de Jorge Colaço coincidem com as propostas da historiografia oitocentista e de inícios de novecentos, em temática e abordagem.

Durante a sua estadia em Paris, onde foi discípulo de Fernand Cormon, como já referimos um dos grandes pintores de história da época, que foi professor de artistas tão célebres como Toulouse-Lautrec e Van Gogh. Também foi mestre de diversos bolseiros portugueses, como Veloso Salgado.³ Dele tomou o gosto tomou o gosto pelas composições grandiosas e teatrais⁴, onde as referências literárias têm um lugar cimeiro⁵.

O pintor vai demonstrar predileção por temas gratos da história de Portugal e suas grandes personagens, num sentido de afirmação nacionalista, na sequência do Ultimatum de 1890, e com filiação na construção de “Nação” proposta pelo romanticismo. Ele próprio afirma a adoção da atmosfera reinante na burguesia de final de oitocentos, da seguinte forma: “Neste tempo de brumas o Nacionalismo é atmosfera salvadora...”.⁶

As temáticas por ele representadas coincidem com as que a historiografia consagrava: Idade Média, na esteira de Herculano, seguindo a ideia de busca da origem da cultura portuguesa; temática dos Descobrimentos, tal como eram aclamada pela geração de 70.

³ PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa*. Mem Martins: Circulo de Leitores, vol. 9, 2008, pág. 54.

⁴ “Fernand Cormon”, *Encyclopaedia Britannica*, in [tps://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Cormon,_Fernand](https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Cormon,_Fernand); “Fernand Cormon”, https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand_Cormon
SANTOS, Cláudia Emanuel Franco dos, VIEIRA, Eduarda, MIRÃO, José, MIMOSO, João Manuel, “Jorge Colaço um artista multifacetado. Estudo caracterização das técnicas de pintura em azulejo”, in *GlazeArch2015*, International Conference Glazed Ceramics in Architectural Heritage, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 02-03 July, 2015, p. 2.

⁵ THEURIAU, Frédéric_Gaël, *L'Influence Romantique dans l'art Académique de Fernand Cormon*, Paris, Mon Petit Éditeur, 2013, p. 48.
Em Colaço, A ligação à literatura vai ser particularmente evidente nos azulejos que ilustram episódios dos *Lusíadas*, no Palácio-Hotel do Buçaco.

⁶ COLALO, Jorge, “A arte da decoração em azulejo. Porque me decidi pintar como pinto”, in *Cerâmica e Edificação*, Ano 1, n.º1, Lisboa: Armando Cotrim Garcez, 1933, pp. 7-8.

A historiografia de oitocentos renovava-se, sem deixar de ser, como sempre, instrumentalizada com intuítos políticos, pelas diversas tendências liberais, por monárquicos, republicanos, intelectuais de diversas tendências. Após a historiografia romântica de Herculano, autores como Teófilo Braga e Consiglieri Pedroso vão absorver as propostas do positivismo, tendo como objectivo a feitura de uma história "científica", na qual é possível observar os factos, relações de causa-efeito e descortinar leis gerais. Despida de contornos teleológicos e metafísicos, baseada em provas documentais fidedignas, a actividade do historiador pretende-se o mais objectiva possível. No entanto, os historiadores oitocentistas, imbuídos do sentimento nacional que tende a fortalecer-se nos finais do século, vão apresentar uma história que destaca os momentos de esplendor da história de Portugal, a posterior decadência do reino e propõem um ressurgimento da pátria de volta aos seus tempos de glória. Contra a história positivista vai demarcar-se Oliveira Martins, que não prescinde da narrativa e aproxima a história da literatura.

A história continua marcada pelo sentimento nacionalista após a implantação do novo regime republicano. A nível institucional, isso traduz-se na criação da Sociedade Nacional de História (1911) tornada Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos em 1914. Esta propunha uma história em que a razão se aliava, também, aos sentimentos e às tradições, e onde o nacionalismo ocupava um espaço central.

As obras de Colaço acompanham e reflectem estas concepções nacionalistas da história, em grandes composições a azul e branco. Em postura grave ou heróica, sem nunca ceder ao sentimentalismo, as suas personagens pretendem traduzir aos contemporâneos valores morais que se pretendem reavivados, para que seja possível devolver a grandeza ao povo português. Tudo isto, sem ceder à exigência de representar os factos históricos o mais rigorosamente possível.⁷ Em termos expressivos, a escolha pela pintura a azul e branco remete-nos para o período áureo da azulejaria portuguesa, agora adaptada às necessidades dos novos tempos.

III. Quatro exemplos: a encomenda, aspectos formais e iconográficos

De entre as diversas composições de temática histórica que encontramos de Norte a Sul do país, vamos fazer recair a nossa atenção em quatro núcleos de diferentes características: Estação de São Bento no Porto, Hotel Palácio do Buçaco, Centro Cultural Rodrigues de Faria, em Forjães e o Pavilhão Carlos Lopes que se situa em Lisboa.

Estação de São Bento (Fig. 1)



Fig. 1

Na estação de São Bento, no Porto, os azulejos, cujos esboços foram apresentados em 1905, foram apenas colocados entre 1914 e 1915⁸. Neles se representam cenas históricas, alegóricas, de género temática relacionada com os transportes.

⁷ Disso dá notícia o contemporâneo Conde de Paço, seu contemporâneo, que acompanhou de perto o seu trabalho. PAÇÔ-VIEIRA, Conde de, *Azulejos de Colaço*, Porto, Imprensa Portuguesa, p. 21.

⁸ LOURENÇO, Tiago Borges, "Estação de São Bento", *Azulejos. Maravilhas de Portugal*, Vila Nova de Famalicão, Centro Atlântico, 2017, p. 72.



Fig. 2

A Temática histórica incide em episódios medievais e Descobrimentos: Torneio dos Arcos de Valdevez⁹, (Fig. 2) Egas Moniz apresenta-se Rei de Leão, Entrada de D. João I no Porto para celebrar o seu casamento com D. Filipa de Lencastre, Infante D. Henrique na Conquista de Ceuta¹⁰. Aqui encontramos, pois, os heróis nacionais celebrados pelas diversas tendências historiográficas e quadrantes intelectuais, fossem liberais, conservadores, republicanos ou socialistas¹¹.

A exclusão da Dinastia brigantina (que tão importante fora nas encomendas e temáticas escolhidas pela azulejaria barroca) explica-se de modo bastante simples: “O vandalismo indígena respeitará por certo os azulejos, tanto mais que minuciosas averiguações acalmaram já as apreensões do seu civismo, certificando-se que nos quadros históricos nenhum rei figura da dinastia brigantina.

⁹ Considerado um dos eventos fundamentais que conduziu à independência de Portugal, tratou-se de um torneio entre cavaleiros portugueses e leões, no qual os primeiros saíram vitoriosos. Após a vitória em Ourique, D. Afonso Henriques conquistou alguns castelos sobre protectorado de Leão, levando as tropas leonesas a entrarem em território portucalenses. O confronto entre as duas forças foi decidido não através de batalha, mas de torneio ou justa. A vitória portuguesa terá precipitado o Tratado de Zamora. https://pt.wikipedia.org/wiki/Torneio_de_Arcos_de_Valdevez.

¹⁰ A escolha deste episódio justifica-se por o Infante D. Henrique ter nascido no Porto.

¹¹ Coincidem, grosso modo, com os heróis apresentados por Pinheiro Chagas em *Portugueses Ilustres* (1869): “encontramos os heróis da Fundação, como D. Afonso Henriques ou Egas Moniz, os heróis da independência nacional, como D. João I, Nuno Álvares ou João das Regras, os heróis dos Descobrimentos, como o infante D. Henrique, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral, os heróis da Restauração, como João Pinto Ribeiro, os heróis do absolutismo esclarecido e do iluminismo, como Pombal ou Luís António Verney, os heróis do liberalismo, como Freire de Andrade ou Manuel Fernandes Tomás”. TORRAL, Luis Reis, in *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX. A História através da História*, vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 1998, p. 159

E que assim não fosse, que o furor iconoclasta que o peito acende e a cor ao gesto muda não tardaria a traduzir por actos a ameaças formulada.”¹²

Jorge Colaço foi chamado para a empreitada por José Fernando de Sousa¹³, administrador dos caminhos-de-ferro do Estado (CFE), que teve a ideia de revestir o átrio com azulejos¹⁴, escolhendo os temas a ser tratados: “Ocorreu-me, por isso, em 1905, a ideia de fazer do vestibulo da estação do Porto uma obra de arte única no seu género, em que todas as superfícies das paredes compreendidas entre as cantarias ostentassem sobre azulejos artísticos formosas paisagens da região, quadros pitorescos de costumes populares, factos gloriosos da história regional, como era próprio do átrio de um caminho-de-ferro, abundante como nenhum em atractivos para o excursionismo. Num grande friso seriam evocadas as diferentes fases da viação através da História”¹⁵. Colaço vai seguir as orientações dos responsáveis pela empreitada e, para as cenas históricas, vai inspirar-se na Crónica de D. João I de Fernão Lopes¹⁶.

O revestimento total do interior com grandes composições de azulejos, que caíra em desuso no século XIX, regressa e passa agora a revestir estes novos espaços arquitectónicos, templos do progresso e da modernidade. A política desenvolvimentista iniciada no fontismo e consubstanciada no incremento das vias de comunicação, de que o caminho-de-ferro é o símbolo máximo, determinou a temática a constar nos azulejos do átrio da Estação de São Bento, com a significativa representação de diversas fases da evolução dos transportes terrestres

¹² José Fernando de Sousa, Boletim da C. P., nº 448, Outubro de 1966, p. 20, retirado de *Gazeta dos Caminhos de Ferro* de 1 de Março de 1915.

¹³ José Fernando de Sousa (1855-1942) foi um militar, engenheiro, jornalista, escritor e político. Durante a sua ligação aos caminhos-de-ferro foi “engenheiro civil no Ministério das Obras Públicas; pertenceu ao conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado, tendo-se demitido desta posição em 1911, em protesto contra uma exigência do pessoal.” [2] Foi trabalhar para a Companhia Portuguesa de Construção e Exploração, tendo integrado o Conselho Superior de Caminhos de Ferro; também exerceu como consultor, para várias empresas do ramo ferroviário em Espanha e França, e foi conselheiro do Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Conde de Paçô Vieira, entre Fevereiro de 1903 e Outubro de 1904. Neste campo específico, foi colaborador regular da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. A sua actividade jornalística foi descrita pelo jesuíta Domingos Maurício como “francamente católica e reaccionária”, “(sem intuito depreciativo)”, que considerou a sua contribuição decisiva “para a preparação da mentalidade que em Portugal viabilizou o 28 de Maio” em: Domingos Maurício, “Figuras que passam, exemplos que ficam. O Conselheiro Fernando de Sousa”, in *Brotéria*, Maio de 1942. “José Fernando de Sousa”, https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Fernando_de_Sousa.

¹⁴ Idem.

¹⁵ José Fernando de Sousa, Boletim da C. P., nº 448, Outubro de 1966, p. 17, retirado de *Gazeta dos Caminhos de Ferro* de 1 de Março de 1915.

Sobre a construção da estação e a participação de Marques da Silva ver ainda: CARDOSO, António, *Estação de S. Bento. Marques da Silva*, Porto, Universidade do Porto/ Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2007.

¹⁶ MARTINS, Fausto S., *Azulejaria Portuense*, Lisboa, Edições Inapa, 2001, p. 97.

e com cenas de temática popular relacionadas com os locais que a linha férrea atravessava: a procissão de Nossa Senhora dos Remédios, a romaria de São Torcato, a fonte milagrosa, a promessa, a feira do gado, a vindima de enforcado, a condução do vinho do Douro, a ceifa, azenha do rio Douro e a assadeira de castanhas¹⁷. Estas representações têm correspondência no valor dado aos conhecimentos etnográficos que vinham em crescendo desde os estudos pioneiros de José Leite de Vasconcelos, da valorização do regionalismo e da história e costumes locais. Em simultâneo, verificou-se a proliferação de estudos de história local na segunda metade do século XIX, com a publicação de numerosas monografias de história local. Para isso muito influenciou o interesse pelo municipalismo, propagado por Herculano. No início do século XX, estas monografias começam também a ter a preocupação em aliar história à divulgação turística das povoações¹⁸.

Hotel Palácio do Buçaco (Fig. 3)



Fig. 3

¹⁷ Idem, p. 102.

¹⁸ Como é exemplo Manuel João Paulo Rocha em o *Concelho de Lagos - Freguesia de Nossa Senhora da Luz*, de 1912. Referido em: MOREIRA, Nuno. "A História Local e a História da Historiografia: breves apontamentos", in www.citcem.org/3encontro/docs/pdf/part_07/27%20-%20Nuno%20Moreira%20-%20TEXT0.pdf. Também Oliveira Martins salientara a importância da história local: «Considerarei sempre que um dos subsídios principais para a história geral do país consiste nas monografias locais, onde se estuda a arqueologia e a história, as biografias e as tradições, com os documentos à vista e à mão os arquivos municipais e particulares. Um corpo de monografias destas, relativas aos principais concelhos do reino, formaria um tesouro de inestimável valor para o estudioso; ao mesmo tempo que serviria para arraigar nas localidades esse amor da terra, base natural e necessária do sentimento mais abstracto a que se chama patriotismo». Prefácio da monografia *Oliveira do Hospital. Traços histórico-críticos*, de Adelino de Abreu, 1893. MENDES, José Amador "História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização", *Revista Portuguesa de História*, t. XXXI V (2000), p. 356.

No campo do historicismo revivalista, o Hotel Palácio do Buçaco é construído entre 1888 e 1907, mais um edifício que acompanha as alterações culturais e as novas sociabilidades. Beneficiando de novas formas de fruição e viagem, é o primeiro dos grandes hotéis que se edificam junto a estâncias termais, numa época de incipiente prática turística.

A opção pela arquitectura neomanuelina conjugava-se com representações da gesta dos Lusíadas¹⁹, Rememorando uma época exemplar que se pretendia fazer reviver, numa combinação que surgia frequentemente, na História e na literatura, e de que as grandes comemorações camonianas de 1880 tinham sido o exemplo acabado. De notar, que, quer no cortejo cívico camoniano, quer no cortejo da comemoração da chegada à Índia, em 1898, se utilizaram elementos decorativos manuelinos em profusão. Os movimentos culturais de final do século procuravam as raízes da identidade nacional, valorizando as expressões artísticas que melhor revelavam a sua especificidade, de que aqui temos um exemplo.

Jorge Colaço foi escolhido para participar na obra após o afastamento de António Ramalho, devido ao incumprimento do prazo para entregar os azulejos encomendados²⁰, através das diligências efectuadas pelo conde Paçô Vieira, ministro das obras públicas e por Emídio Navarro, responsável pelas obras²¹.

Os painéis, das primeiras obras oficiais de Colaço em azulejaria, foram produzidos na Fábrica de Sacavém entre 1904 e 1906 e contaram com a colaboração de Gomes Fernandes. Aos episódios da vitória Anglo-portuguesa na Batalha do Buçaco em 1810 contra a as forças napoleónicas, juntam-se painéis alusivos a eventos gloriosos da história da Portugal e aos *Lusíadas* de Camões, contribuindo, todos, para afirmar a grandeza dos portugueses. Também as representações de *Menina e Moça* de Bernardim Machado e as *Naus* de Gil Vicente recordam um período cimeiro da literatura e cultura portuguesas, que se pretendem recordar e reavivar.

¹⁹ Sobre a utilização do neomanuelino na arquitectura do Hotel Palácio do Buçaco ver: SILVA, Raquel Henriques, "O neomanuelino do palace-hotel: pistas para pensar a memória", in *Monumentos*, n.º 20, pp. 45-49.

²⁰ Patrícia Nóbrega, "Palace Hotel do Bussaco", *Azulejos. Maravilhas de Portugal*, Vila Nova de Famalicão, Centro Atlântico, 2017, p. 108.

²¹ MENDES, Valdemar dos Santos "A batalha do Buçaco. A obra azulejar de Jorge Colaço", in *Monumentos*, n.º 20, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 127.

Os painéis situam-se no átrio, na escadaria e na varanda. No átrio os painéis da Batalha do Buçaco conjugam-se com episódios dos Descobrimentos. Na escadaria, mais um episódio da Batalha do Buçaco tem defronte cenas dos Lusíadas. Deparamo-nos, ainda, com a *Conquista de Lisboa aos Mouros*. Na galeria exterior encontram-se, além de episódios dos Lusíadas, as representações dos Autos de Gil Vicente e da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro²².

Os painéis alusivos à Batalha do Buçaco encerram as seguintes representações: o corneteiro do Regimento de Dragons; retirada das tropas francesas e lanceiro morto; o general Marbot a dar de beber ao cavalo; canhão no campo de batalha; Lord Wellington a cavalo²³; o general Marbot deitado no chão a observar o terreno; ataque dos batalhões de caçadores; marechal André Massena, general Jean Reinier, general Michel Ney e general Jean Marbor, a cavalo; recontro do Sula, onde as forças francesas sofreram uma pesada derrota, que se saldou em 4500 baixas²⁴.

A Batalha do Buçaco teve uma importância fundamental na vitória contra as forças invasoras, pois, além de levantar o moral das tropas e atrasar o avanço sobre Lisboa, permitiu a organização da defesa das Linhas de Torres, possibilitando a vitória final²⁵. Mais que um evento da história local, a Batalha do Buçaco foi, assim, um dos grandes feitos militares da história recente do país e um momento de glória do povo português. Por outro lado, relembra o afastamento da potência estrangeira que ameaçavam a soberania, tal como sucedia, por outras formas e por diversos perpetradores, no final de oitocentos.

A par do cuidado com a composição dos painéis e ordenamento das figuras, há uma preocupação com a veracidade dos factos e das personagens. Jorge Colaço chega mesmo a receber retratos de Wellington enviados pela família²⁶.

Os azulejos do Hotel Palácio do Buçaco e os da estação de São Bento, apesar de serem das primeiras grandes encomendas de azulejos, após o conjunto da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, foram considerados por Colaço como a sua "corôa artística"²⁷ e reflectem as opções estéticas e temáticas que vão marcar a sua obra.

Centro Cultural Rodrigues de Faria, Forjães (Fig. 4)

O Centro Cultural Rodrigues de Faria em Forjães, Esposende, é um pouco mais tardio. Construído nos anos de 1920, os azulejos datam de 1933. Mas é um bom exemplo de nobilitação de um espaço público pela utilização de azulejo figurativo. O edifício foi construído de início para ser escola primária, a expensas do benemérito António Rodrigues Alves



Fig. 4

de Faria²⁸ e como tal funcionou até 2001. Considerada escola-modelo, com ginásio, cantina e auditório, chegou a ser visitada por Salazar²⁹. A inspiração nos valores do recém-surgido Estado Novo estão patentes numa cartela de azulejos contendo uma frase do Presidente do Conselho: "Dêmos à nação optimismo, alegria, coragem, fé nos seus destinos; retemperemos a sua alma forte calor dos grandes ideias e

²² NÓBREGA, Patrícia. "Jorge Colaço. Identity and transculturality in Azulejo framings", in *Artison*, n. 2, 2016, p. 80.

²³ FERNANDES, Maria. "Palace Hotel do Buçaco/ Palacete Hotel do Buçaco", 2005. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5687.

²⁴ Idem, pp. 13-14. Para uma análise mais aprofundada ver: MENDES, "A Batalha do Buçaco. A obra azulejar de Jorge Colaço", in *Monumentos*, n.º 20, Março de 2004, pp. 127-128.

²⁵ http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaarquivamento/2017/campomilitar/eril.pdf

²⁶ Paçõ-Vieira. *Azulejos de Colaço*, p. 21-22

²⁷ Idem. [ver Paçõ]

²⁸ António Rodrigues Alves de Faria (1871-1949) foi um benemérito enriquecido no Brasil, onde fez fortuna no comércio do sal. Em 1909 fundou a Companhia de Comércio e Navegação. "Antonio Rodrigues Alves de Faria", https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Rodrigues_Alves_de_Faria.

²⁹ "Centro Cultural Rodrigues de Faria", https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_Rodrigues_de_Faria.

tomemos como nosso lema esta certeza inabalável: Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera nação.”³⁰ Finalmente, a grandeza da Nação é restaurada.³¹

Os azulejos de temática histórica encontram-se nas salas de aula³² e representam: grandes batalhas – Afonso de Albuquerque em Ormuz, Infante D. Henrique na Conquista de Ceuta em 1415, D. Afonso Henriques na Batalha de Ourique, Nuno Álvares Pereira a rezar antes da Batalha de Aljubarrota; episódios dos Lusíadas – O tritão³³, o piloto cristão, o Adamastor; o descobrimento do Brasil³⁴, África e Oriente.

Tal como D. Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira é um dos heróis celebrados no panteão nacional. É sobretudo no período que medeia entre a grande guerra e o salazarismo que Nuno Álvares ascende ao topo do panteão dos heróis nacionais, salientado pelas suas virtudes guerreiras, patrióticas e cristãs³⁵. A sua beatificação em 1918 pelo Papa Bento XV é acompanhada pela criação da Associação “Cruzada Nacional D. Nun’Álvares”, agremiação conservadora e patriótica que se dedicava a propagar valores nacionalistas, éticos e religiosos com base na figura mítica do santo condestável. Com a actuação desta e da Ala do Condestável, criada em 1924, o culto adquire uma conotação cada vez mais católica. A faceta bélica destacada durante a ditadura militar, vai aliar-se à sua identificação com as aparições de Fátima, criando um eixo de ligação Batalha-Aljubarrota-Fátima que vai de encontro ao novo regime que se vinha a formar.

Já os Descobrimentos, considerados consagrados como o período áureo da história de Portugal desde a geração de 1870, assumem aqui

o seu conteúdo eminentemente pedagógico, sendo, por isso, escolha apropriada para figurar em salas de aula.

Pavilhão Carlos Lopes (Fig. 5)

Por ultimo, destaquemos um outro notável exemplo de celebração da História de Portugal, o então designado Pavilhão das Indústrias



Fig. 5

³⁰ https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cartel-Oliveira_Salazar.JPG.

³¹ Além desta, existem outras sete cartelas com ditos de intuito moral e nacionalista, da autoria de Thomaz Ribeiro Colaço, Alexandre Herculano, Bossuet, o próprio Jorge Colaço, Alfredo Pimenta, Gustavo Kass, Sidónio Pais, Thomaz Ribeiro (sogro do pintor), Malapert e António Enes. NEIVA, Manuel Albino Penteadó, “Forjães a rota azulejar do mestre Jorge Colaço – III. Os painéis historiados e as cartelas decorativas do centro cultural de Forjães”, <https://cronicadotempo.blogspot.pt/2011/08/forjaes-na-rotazulejar-do-mestre.html>.

³² GONÇALVES, Joaquim, BASTO, Sónia, “Escola primária Rodrigues de Faria/ Centro Cultura Rodrigues de Faria”, 2005, 2013, in http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22706.

³³ “Nos hombros de um tritão com gesto aceso/ vai a linda Dione furiosa./ Não sente quem a leva o doce peso, de soberbo com carga tão formosa/ Luziadas/ Canto II – Est 21”

³⁴ Pintado pela primeira vez para o Pavilhão de Portugal na Exposição de Anvers de 1920.

³⁵ “A divulgação de um forte imaginário identitário que representasse tanto a heroicidade como a santidade fez com que se tornasse um catalisador de diversas tendências e fé-lo de modo a que se desenvolvessem, primeiro paralelamente e depois em simbiose, os diversos cultos ligados à sua personagem. Durante todos os anos 20 e até à plena afirmação do regime salazarista, a figura de Nun’Álvares Pereira esteve no centro de múltiplos textos que trouxeram consistência a um culto que sintetizou a dimensão civil com a militar”. (...) [heróis e santos] tais simbioses prolongar-se-ão ao longo de toda uma década e serão amplificadas pelo Estado Novo, que, pelo menos nos primeiros anos de poder, desfrutou da semelhança entre o messias de rosto virgíneo de Aljubarrota e o novo Chefe de Portugal. GORI, Annarita, “FESTA DA Pátria: Nun’ Álvares Pereira, herói e santo”, in *Ler História*, n. 59, 2010. In <http://journals.openedition.org/lerhistoria/1355#entries>.

um edifício idealizado pelos arquitetos Guilherme e Carlos Rebello de Andrade e Alfredo Assunção Santos, primeiramente construído no Brasil em 1922 para a Grande Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Esta exposição albergou 14 Nações estrangeiras e, como todas as exposições Internacionais, constitui, no campo da arquitetura, um excelente meio de prática experimental, onde se testava alguma novidade e se revelavam os aspetos identitários de cada país através da conceção dos respetivos pavilhões condicionados por diretrizes políticas, ideológicas e mentais³⁶.

Em 1929 este Pavilhão de Portugal construído sobre uma estrutura metálica foi desmontado e transportado para Portugal e reconstruído com essa mesma estrutura em Lisboa, no Alto do Parque Eduardo VII com a designação de Palácio das Exposições. A sua abertura realizou-se a 3 de Outubro de 1932 com a *Grande Exposição Industrial Portuguesa*.

A fachada principal apresenta 4 painéis de azulejos, em azul e branco, produzidos pela Fábrica de Sacavém, em 1922, representando uma narrativa do passado - cenas da História de Portugal com temas dedicados a Sagres, à Batalha de Ourique, à Ala dos Namorados na Batalha de Aljubarrota e ao Cruzeiro do Sul, (o último não de cariz histórico) um repertório azulejar bem integrado no edifício.

A ideia subjacente à encomenda fora enobrecer ideologicamente uma obra pública num diálogo equilibrado com a arquitetura, apresentando a identificação de um passado através de grandes composições históricas isoladas e sem ordem cronológica reservando-lhe o edifício espaços de grande nobreza e estrategicamente bem colocados: a sua fachada principal. A premissa fora igualmente afirmar estética e estilisticamente o espaço nacional das artes plásticas em Portugal.

Em termos formais são evidentes uma vez mais as capacidades de representação em composição (conjunto e movimentação das

personagens), a promoção e exposição da linha do desenho, e a representação do volume através do claro-escuro e a aplicação correta da perspectiva, da utilização da cor - azul e da distribuição da luz.

Jorge Colaço cita recupera e revive nestes painéis, o gosto do azulejo barroco, desenhando uma volumosa cercadura notável pela densidade pictural que completa a cena figurativa.

Com autonomia plástica evidencia-se pela composição dinâmica na qual se destacam tal como no azulejo do barroco o enquadramento arquitetónico e a composição da cartela central.

Por fim, a visão de conjunto proporcionada permite ainda avaliar a estreita relação entre conceção arquitetónica e o programa decorativo, onde esta foi trabalhada no sentido de alcançar uma obra global, funcionando como um cartaz ou folheto do país a apresentar ao outro lado do Atlântico.

Através dos conjuntos de azulejos analisados, verificamos a actualização desta arte nos inícios de novecentos: uma pintura esbelta e bem modelada, capaz de adaptar as questões de composição e perspectiva à grande superfície, com reflexo dos ensinamentos académicos; temáticas em consonância com os novos tempos, onde os episódios históricos são escolhidos tendo em conta os espaços surgidos com a modernidade, gares de caminho-de-ferro, unidades de alojamento, pavilhões de exposição, escolas.

As temáticas representadas vão de encontro às práticas historiográficas predominantes na época e, também, ao sentimento geral assente no nacionalismo, que combina a exaltação do passado com a ideia de ressurgimento no futuro. Nesse contexto, recorre-se ao grande momento da história do país, os Descobrimentos, e às figuras históricas que encarnam o ideal de independência e glória nacional. Por outro lado, tal como a história é exemplo e ensinamento para a construção do futuro, também os quadros da história de Portugal que

³⁶ GONÇALVES, Marisa Rodrigues. *A participação portuguesa nas Exposições Universais na perspectiva do Design de Equipamento*. Mestrado em Design de Equipamento, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013; NETO, Teresa João Baptista. *Arquitecturas Expositivas e Identidade Nacional*. Mestrado em Arquitectura, *Os Pavilhões de Portugal em Exposições Universais entre a 1ª República e o Estado Novo*, Instituto Superior Técnico, 2016.

Colaço nos apresenta são simbolicamente colocados nos equipamentos arquitectónicos que melhor exemplificam o desenvolvimento social e progresso do homem.

Bibliografia

ABREU, Adelino de, Oliveira do Hospital. Traços histórico-críticos, 1893. "António Rodrigues Alves de Faria", https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Rodrigues_Alves_de_Faria.

CARDOSO, António, Estação de S. Bento. Marques da Silva, Porto, Universidade do Porto/ Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2007.

"Centro Cultural Rodrigues de Faria", https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_Rodrigues_de_Faria.

COLAÇO, Jorge, "A arte da decoração em azulejo. Porque me decidi pintar como pinto", in Cerâmica e Edificação, Ano 1, n.º1, Lisboa: Armando Cotrim Garcez, 1933.

"Fernand Cormon", Encyclopædia Britannica, in [tps://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Cormon,_Fernand](https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Cormon,_Fernand).

"Fernand Cormon", https://fr.wikipedia.org/wiki/Fernand_Cormon.

FERNANDES, Maria, "Palace Hotel do Buçaco/ Palacete Hotel do Buçaco", 2005, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5687.

GONÇALVES, Joaquim, BASTO, Sónia, "Escola primária Rodrigues de Faria/ Centro Cultura Rodrigues de Faria", 2005, 2013, in http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22706.

GORI, Annarita, "FESTA DA Pátria: Nun' Álvares Pereira, heróis e santo", in Ler História, n. 59, 2010. In <http://journals.openedition.org/lerhistoria/1355#entries>.

"José Fernando de Sousa", https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Fernando_de_Sousa

LOURENÇO, Tiago Borges, "Estação de São Bento", Azulejos. Maravilhas de Portugal, Vila Nova de Famalicão, Centro Atlântico, 2017.

MAURÍCIO, Domingos, "Figuras que passam, exemplos que ficam. O Conselheiro Fernando de Sousa", in Brotéria, Maio de 1942.

MARTINS, Fausto S., Azulejaria Portuense, Lisboa, Edições Inapa, 2001.

MENDES, José Amado "História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização", Revista Portuguesa de História, t. XXXI V (2000).

MENDES, Valdemar dos Santos "A batalha do Buçaco. A obra azulejar de Jorge Colaço", in Monumentos, n.º 20, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

MOREIRA, Nuno, "A História Local e a História da Historiografia: breves apontamento", in www.citcem.org/3encontro/docs/pdf/part_07/27%20-%20Nuno%20Moreira%20-%20TEXT0.pdf.

NEIVA, Manuel Albino Penteado, "Forjães a rota azulejar do mestre Jorge Colaço - III. Os painéis historiados e as cartelas decorativas do centro cultural de Forjães", <https://cronicadotempo.blogspot.pt/2011/08/forjaes-na-rota-azulejar-do-mestre.html>.

NÓBREGA, Patrícia, "Jorge Colaço. Identity and transculturality in Azulejo framings", in Artison, n. 2, 2016.

NÓBREGA, Patrícia, "Palace Hotel do Bussaco", Azulejos. Maravilhas de Portugal, Vila Nova de Famalicão, Centro Atlântico, 2017

PAÇÔ-VIEIRA, Conde de, Azulejos de Collaço, Porto, Imprensa Portuguesa.

PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa*. Mem Martins: Circulo de Leitores, vol. 9, 2008.

SANTOS, Cláudia Emanuel Franco dos, VIEIRA, Eduarda, MIRÃO, José, MIMOSO, João Manuel, "Jorge Colaço um artista multifacetado. Estudo caracterização das técnicas de pintura em azulejo", in *GlazeArch2015*, International Conference Glazed Ceramics in Architectural Heritage, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 02-03 July, 2015.

SILVA, Raquel Henriques, "O neomanuelino do palace-hotel: pistas para pensar a memória", in *Monumentos*, n.º 20, pp. 45-49.

SOUSA, José Fernando de, *Boletim da C. P.*, n.º 448, Outubro de 1966, p. 20, retirado de *Gazeta dos Caminhos de Ferro* de 1 de Março de 1915
THEURIAU, Frédéric_Gaël, *L' Influence Romantique dans l' art Académique de Fernand Cormon*, Paris, Mon Petit Editeur, 2013.

TORGAL, Luís Reis, in *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX: A História através da História*, vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 1998

Torneio de Arcos de Valdevez", https://pt.wikipedia.org/wiki/Torneio_de_Arcos_de_Valdevez.